

Desaquecimento com DATA MARCADA

LUIZ OSVALDO GROSSMANN
DA EQUIPE DO CORREIO

Aturbulência financeira que maltrata as economias dos Estados Unidos e da Europa será melhor percebida pelos brasileiros a partir do ano que vem. Pelas projeções da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o crescimento de 6% do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro semestre já garante um 2008 robusto, com a economia avançando 5,3%, em ritmo muito parecido com o de 2007 (5,4%). Mas a provável redução no crédito, a valorização abrupta do dólar e o ciclo de alta dos juros devem esfriar os ânimos e provocar um desempenho mais modesto em 2009 — a aposta da CNI é de ampliação de apenas 3,5% do PIB no ano que vem.

"Para 2008, o crescimento vigoroso está garantido. Entretanto, avolumam-se os indícios de que esse forte ritmo de crescimento terá fôlego curto. A combinação de juros em alta no Brasil e crise financeira no mercado americano formam um cenário propício à perda do ritmo de expansão", conclui a entidade na análise de conjuntura divulgada ontem, onde reviu as projeções para a economia nacional. Inicialmente, a CNI calculava um incremento de 4,7% no PIB este ano.

De fato, é curioso falar de crise no Brasil enquanto o cenário parece tão positivo. O PIB 6% maior no primeiro semestre foi especialmente puxado pela demanda interna, alimentada pelo aumento dos salários, dos empréstimos e dos gastos públicos. Entre janeiro e junho, três em cada quatro negociações trabalhistas garantiram aumentos salariais acima da inflação, e o desemprego médio do ano é inferior a 8%. O crédito, apesar de restrito na comparação com outros países, bateu em 38% do PIB — uma ampliação de 5,2 pontos em um ano e o maior nível da série medida pelo Banco Central desde 1988.

Não é de surpreender que o consumo das famílias mantenha-se como maior incentivo à economia brasileira, por si só responsável por R\$ 7 de cada R\$ 10 gerados no país. Tomando-se emprestados números do IBGE, vê-se que os brasileiros ainda vão às compras com vontade, garantindo crescimento de dois dígitos nas vendas em geral, e de até 26% no caso dos automóveis. Até por isso a CNI acredita que a indústria avançará 5,5%, portanto acima da média da economia, com destaque para o setor de construção civil, que deve crescer 8,7%.

Ainda assim, esse cenário poderia desbotar mesmo que os efeitos no Brasil fossem restritos às sucessivas altas que o Banco Central vêm impondo à taxa básica de juros, na tentativa de colocar a inflação de 2009 próxima da meta de 4,5%. Mas o terremoto financeiro nos Estados Unidos já arrastou a Europa para a recessão (leia página 26) e sugere redução no comércio mundial.

Pouso suave

"O cenário para 2009 é desfavorável. Outros países deverão ser afetados, o que deverá exercer efeito negativo adicional sobre as exportações brasileiras. Além disso, haverá menos crédito no mercado internacional, o que prejudica o financiamento para exportações", avalia a CNI.

O resumo da ópera é que a força da demanda interna permite ao Brasil experimentar um pouso suave em meio a turbulência nas grandes economias. Mas a crise chegará por várias frentes: a retração da demanda internacional; a dificuldade de captação de crédito; a perda de valor de mercado das empresas, e o encarecimento da produção, uma vez que a valorização do dólar aumenta o peso dos insumos importados. "O desafio para a economia brasileira será manter as condições de crescimento em 2009, quando a economia mundial crescerá de forma bem mais lenta."

Efeito da crise vai atingir o Brasil em 2009, segundo previsão da CNI, que espera crescimento de 3,5%